

**POLÊMICAS
CONTEMPORÂNEAS:
formando professores
ativistas
comprometidos com a
sociedade**

**POLÊMICAS
CONTEMPORÂNEAS: preparing
activist teachers committed to
society**

**POLÊMICAS
CONTEMPORÂNEAS: formación
de maestros activistas
comprometidos com la sociedad**

Nelson De Luca Preto^{1, 2}

RESUMO

O artigo apresenta a experiência do componente curricular Polêmicas Contemporâneas oferecido pela Faculdade de Educação para todos os graduandos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com especial ênfase, às licenciaturas. Na primeira parte é apresentada uma reflexão teórica sobre os desafios trazidos pelo contemporâneo a partir da análise da presença das tecnologias da informação e comunicação na sociedade. Num segundo momento, analisa-se a experiência de Polêmicas, que se desenvolve de forma

¹ Professor Titular da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor em Comunicação (USP), mestre em Educação (UFBA). Ex-diretor da FACED/UFBA (200-2008). Integrante da Academia de Ciência da Bahia. Conselheiro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC, 2015-2019). Email: nelson@preto.pro.br.

² Endereço de contato com o autor (por correio): Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Departamento de Educação II. Av. Reitor Miguel Calmon, S/N. Faculdade de Educação. Canela. 40110100 - Salvador, BA – Brasil.

ampliada e aberta, com forte participação da sociedade, possibilitando uma interação entre esta e a universidade, seja através da presença física nos debates, seja pelo uso intenso das tecnologias de informação e comunicação, consideradas nesse projeto como fundantes. Ao final, reflete-se sobre a possibilidade de contribuir com a formação dos futuros professores com um pequeno gérmen, uma semente de insatisfação com o instituído na busca de construir uma formação de professores ativistas comprometidos com a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores; TIC; Redes sociais; Universidade; Ensino de graduação.

ABSTRACT

This paper presents the experience of Polêmicas Contemporâneas (Contemporary Polemics) a course offered by the Faculty of Education to all undergraduate students at the Federal University of Bahia (UFBA), in particular those taking teacher training courses. First we present a theoretical approach to the challenges in the contemporary world from an analysis of the presence of information and communication technologies in society. Secondly, the article presents and analyses the experience of a course which develops in a broad and open way, with the strong participation of society. This, enables greater interaction between university and society, either through their physical presence in debates or the intense use of information and communication technologies, considered fundamental here. Finally, we describe how with this course we hope to plant a small seed of dissatisfaction regarding the status quo in order to encourage activist teacher committed to society.

KEYWORDS: Teacher training; ICT; Social networks; University; undergraduate teaching.

RESUMEN

El artículo presenta la experiencia del componente curricular Polêmica Contemporânea ofrecido por la Facultad de Educación para todos los



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p32>

estudiantes de la Universidad Federal de Bahía (UFBA), con énfasis especial para los estudiantes de las licenciaturas. En la primera parte se presenta una reflexión teórica sobre los retos que plantea la sociedad contemporánea a partir de un análisis de la presencia de las tecnologías de la información y la comunicación en la sociedad. En segundo lugar, se presenta y analiza la cátedra Polêmicas, componente curricular que se desarrolla de manera amplia y abierta, con una fuerte participación de la sociedad, lo que permite la interacción de la universidad con la comunidad, ya sea a través de la presencia física en debates o a través del uso intensivo de las tecnologías de la información y de la comunicación, consideradas en este proyecto como fundantes. Al final, se reflexiona sobre la posibilidad de contribuir a la formación de los futuros docentes con un pequeño germen, una semilla de insatisfacción hacia lo instituido en la búsqueda de construir una formación de profesores comprometidos con la sociedad.

PALABRAS CLAVE: Formación del profesorado; TIC; Redes sociales; Universidad; Educación universitaria.

Recebido em: 28.02.2017. Aceito em: 23.05.2017. Publicado em: 01.07.2017.

Os desafios do contemporâneo

Os desafios contemporâneos são enormes e postos para todo o planeta e em todas as áreas do conhecimento. Não poderia ser diferente com a educação. Somos instados a enfrentá-los com um cabedal de conhecimentos que não corresponde mais aos nossos referenciais e modelos mais tradicionais de educação, passando por desafios para o currículo, a formação de professores e o uso de tecnologias de informação e comunicação no cotidiano das escolas e universidades. O universo comunicacional contemporâneo tomou conta da escola de forma indelével. Aquilo que em Paulo Freire, na segunda metade do século XX, se constituía na dimensão comunicacional da educação (FREIRE, 1977; FREIRE, 1984, TEMER; SANTANA, 2014) poderia, nos dias de hoje, ser considerado como as bases para essa relação da educação com a comunicação, mas, com o advento do digital, não mais como uma simples (simples?!) evolução tecnológica e, sim, uma verdadeira (r)evolução na forma de se comunicar no contemporâneo. As transformações trazidas pelos *zeros* e *uns* marcam de forma radical – de raiz - e permanente nossas culturas e, claro, a educação em todos os níveis, da básica à superior, incluindo a pós-graduação.

Antes das transformações de todo o conteúdo cultural e imaterial no digital, vivíamos um período de relativa escassez de informação, com poucos meios para a sua circulação, de tal forma que as escolas e as universidades terminavam se constituindo em um especial local para tal, tendo o professor, nesse contexto, um papel fundamental de provedor das informações. Era, evidentemente, uma escola de elite, que atendia a poucos e, por isso mesmo, a privilegiados e poderosos.

Assim, nas palavras de Santiago Siri, "estruturas tradicionais (a corporação Estado, universidades, etc.) foram projetadas para controlar uma economia industrial cuja fonte de energia principal é matéria". (SIRI, 2015, p. 56, tradução nossa)³. Desta forma, continua ele, "toda a estrutura organizacional da ordem industrial é verticalista. O verticalismo centra-se na obtenção de maior eficiência" (SIRI, 2015, p. 56-57, tradução nossa)⁴. Com o advento do digital e das redes de informação e comunicação, radicais transformações foram introduzidas na maneira de se produzir e distribuir as informações e os conhecimentos. Passamos a viver a economia do conhecimento e não mais a economia industrial, onde predominava a escassez. Agora, pelo menos potencialmente,⁵ predomina a abundância de informação. Mais uma vez Santiago Siri: "sob um contexto de abundância, a eficiência torna-se inútil (os dados podem fazer alarde!) e o que realmente se vê é algo completamente diferente: é o sentido que se pode extrair." (SIRI, 2015, p. 57 tradução nossa).

Para extrair o sentido precisamos saber ler as informações e compreender o papel central da diferença nos contextos formativos. A leitura, aqui, ganha uma dimensão muito maior daquela que estamos acostumados a associar às letras e, no máximo, aos números. Se antes já era desejável não ficar nessas duas dimensões do ler, agora é mandatório ampliar essa percepção da leitura. Uma leitura do mundo que inclua a leitura das imagens que circulam de forma frenética pelas redes e pelas ruas; a leitura do corpo cada vez mais preso

3 "La estructura de poder tradicionales (la corporación, el Estado, la academia, etcétera) fueron concebidas para controlar una economía industrial cuyo principal recurso es la materia."

4 "toda la estructura organizacional del orden industrial es verticalista. El verticalismo se enfoca en lograr mayor eficiencia"

5 Em todo o texto e como fazemos em todas as nossas pesquisas, introduzimos a ideia de que essa conexão generalizada é apenas potencial um vez que necessário se fazem políticas públicas que garantam, de forma universal, esse acesso, incluindo aí banda larga de qualidade, equipamentos e locais para que esse acesso se dê de forma plena e não para apenas aqueles que têm condições de pagar.

a *gadgets* eletrônicos; a leitura dos códigos de programação dos computadores; e, a leitura do ambiente cada vez mais destruído, aqui, ali e acolá.

Dessa forma, pensamos que os processos formativos dos professores precisam superar a tradicional dicotomia entre formação nos conteúdos específicos e formação pedagógica. Necessário se faz ampliar essa concepção formativa, com uma radical transformação dos currículos na educação básica e, claro, das licenciaturas. Nessa transformação, ganhará muito mais espaço a leitura e a discussão do mundo contemporâneo, nas suas singularidades e complexidades.

Nesse contexto, as demandas por transformações na educação passam, entre outros aspectos, por discussões relacionadas a um repensar os currículos de formação dos professores.

O tema das licenciaturas tem sido exaustivamente pesquisado no Brasil e no exterior desde muito tempo (BICUDO; JÚNIOR, 1986; CANDAU, 1987; GATTI; BARRETO, 2009; MENEZES, 1996; INEP, 1987; NÓVOA, 2005; SAVIANI, 2009, GATTI, 2013, entre tantos outros). Essas pesquisas e debates em torno dos inúmeros Fóruns das Licenciaturas implantados em diversas Instituições de Ensino Superior (IES) objetivam constantemente buscar a identidade do professor e quais os caminhos necessários para a sua formação. Essas pesquisas indicam, também, forte presença dos organismos internacionais, a exemplo do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio, "que são hoje os principais promotores da globalização capitalista e do modelo neoliberal no setor da educação", conforme aponta Moacir Gadotti. Para ele, as reformas em curso na América Latina,

são essencialmente **instrucionistas**, isto é, estão centradas no ensino e não na aprendizagem. Por isso estão na contramão das teorias de currículo mais atuais. Defende-se o aumento de tempo para instrução e não a qualidade da formação escolar. [...] E mais: os professores estão excluídos de toda discussão do tema da qualidade. Eles não tem voz. O que se busca é uma estandartização da qualidade, da avaliação, da aprendizagem e a criação de 'parâmetros' para tudo, como se tudo pudesse ser mensurável na educação. (GADOTTI, 2005, p. 2-3, grifo do autor)

Nas Instituições de Ensino Superior, e aqui trago o caso da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o que temos acompanhado são reformulações curriculares que aprisionam os alunos em seus próprios cursos, com um isolamento dos graduandos do conjunto da universidade uma vez que os componentes curriculares são concentrados, em sua maior parte, quando não na totalidade, nas escolas ou faculdades onde os mesmos estão abrigados. Não sem pouco conflito, a histórica discussão entre as matérias de conteúdo específico e os componentes pedagógicos terminam se constituindo em uma disputa frequente nos debates sobre reformulação curricular nas universidades. Paralelo a essa disputa, o que se observa é um esvaziamento de uma formação mais ampla, que contemple estudos comprometidos em torno dos grandes temas contemporâneos, que possam acontecer de forma coletiva, envolvendo alunos de todas as licenciaturas, ampliando isso para todos os cursos de graduação da universidade. Concordamos com Boaventura de Sousa Santos, ao afirmar que

[a] universidade foi criticada, quer por raramente ter cuidado de mobilizar os conhecimentos acumulados a favor de soluções dos problemas sociais, quer por não ter sabido ou querido pôr a sua autonomia institucional e sua tradição de espírito crítico e de discussão livre e desinteressada ao serviço dos grupos sociais dominados e seus interesses. (SANTOS, 1997, p. 205)

A universidade desafiada precisa encontrar alternativas para que possa se constituir enquanto um privilegiado espaço pensante da sociedade e, para tal, mais do que tudo, precisa estar aberta aos demais saberes que constituem a história da humanidade. Luiz Felipe P. Serpa, trouxe-nos o termo *comuniversidade* para resgatar essa dinâmica não-linear de relação entre universidade e sociedade, tanto para a pesquisa e o ensino, como para a extensão, a partir da criação de programas de extensão (que na UFBA se chamou primeiro *UFBA em Campo* e, depois, *Atividade Curricular em Comunidade*). Para ele

na dinâmica contemporânea, a Universidade só poderá se conscientizar ao nível de perceber que não só da academia vem o saber, quando conseguir institucionalizar a diferença como fundante. Então, a instituição assumirá como função educativa fundamental o agenciar atualizações do espaço virtual de possibilidades, desenvolvendo jogos de acontecimentos e de linguagens que construam, através da intensidade dos acontecimentos e do sentido das linguagens, o conhecimento do real, como processo meta-estável. Para isso, a Universidade terá de praticar pedagogias que tenham a diferença como fundante e processos educativos baseados em topologias de vizinhança. Nesse caso, a percepção será desenvolvida pela vivência e pela convivência no interior dos processos educativos. (SERPA, 2004, p. 213)

A superação dessa situação demanda pensar, entre outras dimensões do seu existir, a formação do futuro professor de forma integrada com a formação de todos os demais profissionais, em todas as áreas.

Enfrentamento do desafio

Para o enfrentamento, mesmo que parcial da questão, na Faculdade de Educação da UFBA, propusemos a criação de um componente curricular que

abrisse espaço para intensas reflexões em torno de temáticas que articulam as diversas áreas do conhecimento, passando obviamente pela educação, mas ampliando-se para as ciências, as culturas e as políticas públicas. Mais ainda, tudo se dando num ambiente coletivo e aberto, numa interação plena com a sociedade, com uso intensivo e estruturante das tecnologias digitais de informação e comunicação. (PRETTO, 2013). Queríamos que os limites da sala de aula fossem transpostos e que esta *virasse* o mundo conectado. Nascia assim, no segundo semestre de 2006, a componente curricular optativa denominada Polêmicas Contemporâneas (na maior parte dos semestres oferecidas com o código EDC 321), proposta pelo Departamento de Educação II, sob responsabilidade do professor Nelson De Luca Pretto em parceria com a professora Mary de Andrade Arapiraca (que atuou nos semestres 2006.2, 2007.1 e 2010.1), oferecida a todos os cursos de graduação da UFBA. Esse componente curricular é integrado às ações do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC), que, justamente, por ter como foco de pesquisa a relação das tecnologias digitais contemporâneas com a educação, dando-se especial atenção para os licenciados. Sua ementa é: "Discussão, em forma de encontros temáticos, de temas diversos das educações, das ciências e das culturas contemporâneas, constituindo-se numa espécie de 'vazio quântico' do currículo dos cursos de graduação, em todas as áreas do conhecimento".

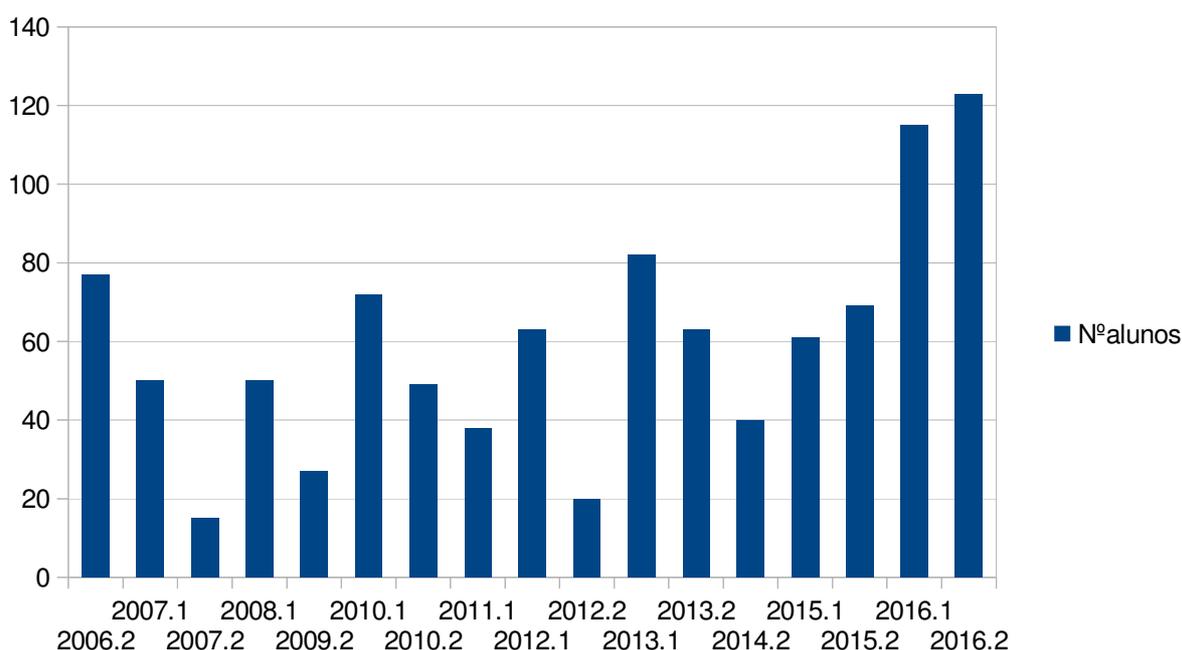
Inicialmente Polêmicas Contemporâneas nasce como um Tópico Especial em Educação (TEE) e, desde o seu início, foi pensada e ofertada a todos os cursos de graduação da UFBA, com uma ênfase maior às licenciaturas, uma vez que acreditamos ser papel de uma Faculdade de Educação, ao se propor a preparar professores para a educação básica, possibilitar a eles uma formação muito mais ampla do que as restritas aos conteúdos pedagógicos. Nesse sentido, foi realizado, ao longo dos anos, um verdadeiro trabalho de

convencimento junto aos colegiados dos diversos cursos de graduação da UFBA, seja através de e-mails, seja através de chamamentos públicos nas listas de discussão da própria universidade, para que compreendessem a importância do componente curricular e passassem a ofertá-lo regularmente, estimulando os alunos a nele se inscreverem no ato da matrícula semestral. O objetivo perseguido sempre foi o de incluir o componente curricular Polêmicas Contemporâneas no cardápio de oferta dos cursos como um tópico especial e, posteriormente, incluí-lo parte fundante do currículo de cada um dos cursos.

Como já era esperado, nos primeiros anos, houve dificuldade no preenchimento de todas as vagas disponíveis (110 vagas, exatamente do tamanho do maior auditório da Faculdade de Educação), uma vez que, em nossa avaliação, não ficava claro para alunos e nem mesmo para os colegas professores a importância de uma atividades curricular com essa dinâmica. Argumentamos que tem prevalecido uma *perspectiva escolar* da formação universitária e esse tem sido um forte fator dificultador do preenchimento integral das vagas, o que só conseguimos justamente nestes últimos semestres, a partir desse trabalho de visibilidade na própria UFBA e na sociedade, já que, como de certa forma esperávamos, a repercussão na sociedade foi forte e imediata.

Os dados das matrículas ao longo desses anos demonstram esse movimento.

Gráfico 1: número de alunos inscritos na componente curricular EDC321, por ano e por semestre. Dados fornecidos pela Coordenação de Sistemas da Informação da Superintendência de Tecnologia da Informação da UFBA.



Fonte: Elaboração do autor

Outro importante dado para a caracterização do componente curricular e dos seus possíveis desdobramentos na formação, foi a distribuição de matrícula em *Polêmicas Contemporâneas* em função dos cursos dos alunos. Observamos que no período 2006.2 - 2015.1 houve, de fato um espalhamento do componente curricular pelos cursos de graduação da UFBA, tendo uma maior concentração de alunos vindos dos cursos Pedagogia, imaginamos que por coincidir com a própria Faculdade que o oferece, seguido dos Bacharelados Interdisciplinares, que possuem uma grande carência de oferta de vagas noturnas e de Nutrição, colegiado de curso que efetivamente adotou o

componente curricular como parte do seu currículo. Além dos alunos regularmente inscritos, em função dos temas escolhidos, participam dos debates professores e alunos de outras componentes curriculares, inclusive de outras universidades, como foi o caso de alunos de medicina de uma universidade privada que participaram via webconferência do tema *Universidade da depressão: saúde mental dos estudantes* no semestre 2016.2.

A estruturação das atividades em Polêmicas Contemporâneas incluem a plena inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), com a utilização intensa das redes sociais sendo os debates são transmitidos pela Rádio Faced Web⁶ e pelo Canal Polêmicas.⁷ Importante salientar aqui que todos esses recursos foram desenvolvidos como parte das pesquisas em andamento,⁸ com uso exclusivo de softwares livres. Desta forma, ampliamos o espaço de interação entre o dentro e o fora da universidade, possibilitando uma maior participação de todos os interessados e, mais do que tudo, articulamos intensamente o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. Insistimos aqui nessa indissociabilidade, uma vez que trabalhamos sempre na perspectiva de integrar todas essas dimensões intrínsecas à constituição da Universidade, especialmente as públicas.

O uso exclusivo de softwares livres em todos esses projetos está no cerne dos projetos em andamento no grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC – FACED/UFBA), de tal forma que a perspectiva de liberdade associada ao movimento software livre e ao movimento hacker estão presentes nas atividades de Polêmicas. Nesse sentido, nosso objetivo é, também,

6 <<http://www.radio.faced.ufba.br>>

7 <<http://www.canalpolemicas.faced.ufba.br>>

8 Pesquisas: *Você é o que compartilha: movimentos sociais colaborativos e educação* (2010-2014) e *Você é o que compartilha: construindo outras educações* (2014-2018), ambos com apoio CNPq

experimental todas as possibilidades trazidas pelo *livre* para que possamos usar em projetos da educação básica, como já fizemos em projetos anteriores como o RIPE,⁹ Ponto de Cultura Ciberparque Anísio Teixeira (Irecê/Bahia)¹⁰ e Projeto de Formação do UCA,¹¹ entre outros.

As atividades desenvolvidas nos encontros semanais de *Polêmicas Contemporâneas* procuram explorar temáticas que circundam o contexto em que a universidade está inserida, buscando desencadear a produção de conhecimento e promover intervenções no espaço acadêmico, ressaltando o papel dos professores nos diversos espaços de aprendizagem, em especial naqueles possibilitados pela chamada sociedade tecnológica. Uma vez que os alunos inscritos vêm de cursos diversificados, podemos constatar nas temáticas escolhidas uma grande diversidade de assuntos. Alguns dos temas, no entanto, terminam sendo constantes nos semestres, por se constituírem, lamentavelmente, em desafios nem de longe superados na sociedade brasileira (e, especialmente, baiana), a exemplo daqueles ligados à discriminação dos valores ligados às culturas de matriz africana, à violência na cidade, ao papel da mulher negra, ao aborto e à segurança pública. São, certamente, questões que estão presentes no cotidiano das escolas, especialmente as públicas, e que os futuros professores se sentem desafiados a aprofundar em seus processos formativos antes da ida para o mundo do trabalho, espaços esses por demais desafiadores, como bem conhecemos.

Destacamos alguns temas e convidados dos dois últimos semestres para se ter uma ideia da dimensão do programa. São eles: *Freenet: o presente e o*

9 Ver em: <<http://ripe.ufba.br/>> e <<https://blog.ufba.br/ripe/o-projeto/>>. Acesso em: 9 ago. 2016

10 Ver em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/CiberParque/WebHome>>. Acesso em: 9 ago. 2016

11 Ver em: <<http://www.moodle.ufba.br/course/view.php?id=11601>>. Acesso em: 9 ago. 2016

futuro da internet (Sessão na Saladearte Cinema da UFBA.) com a presença de Messias Bandeira, pesquisador da cibercultura e diretor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos – IHAC/UFBA; Thiago Tavares, da Safernet e membro do Comitê Gestor da Internet (CGI); Man Filho, cyberativista, ativista, hacker e Pirata, sócio do Raul Hacker Club e estudante de Engenharia Elétrica/UFBA e Alex Hercog, do Intervozes; *Ocupações: escola de luta*, com Heudes Oliveira, pré- vestibulando, participou na ocupação da escola Fernão Dias, direto de São Paulo, em depoimento em vídeo exclusivo para Polêmicas; Gaby Maffei, advogada dos Advogados pela Democracia e que atuou nas ocupações dos Ministérios da Cultura e da Saúde; Eveli Dantas, estudante do ensino médio e presidenta da Grêmio do Colégio Odorico Tavares, Enderson Araújo, articulador de movimentos sociais ligados a juventude negra e criador do Grupo de Jovens Comunicadores Mídia Periférica e membro do Conselho Curador da EBC; *Escola sem partido*, com a presença do deputado estadual Soldado Prisco, membro da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa da Bahia, de Olivia Silveira, doutora e mestre em Educação (UFBA) e de Charbel Del Niño, professor Associado do Instituto de Biologia, UFBA; *Debate com os prefeituráveis sobre planos para educação, cultura, ciência e tecnologia*, com a presença dos candidatos à Prefeito de Salvador, sendo debatedores os reitores das cinco universidades sediadas na cidade de Salvador; *Qual a música do carnaval da Bahia?*, com a presença de Nelson Varón Cadena, jornalista, autor do livro *História do Carnaval da Bahia: 130 anos do Carnaval de Salvador, 1884-2014*, Jonga Cunha, músico do Alavontê, apresentador do programa Roda Baiana (Rádio Metrôpole), Lula Gazineo e O Povo Pediu, músico, compositor e um dos fundadores do bloco de carnaval O Povo Pediu, João Jorge, presidente do Olodum, Mateus, compositor e músico e Lazzo Matumbi, músico e compositor; *A cidade é nossa: Salvador em debate*, com Silvio Pinheiro,

Secretário de Urbanismo e Coordenador do Plano Salvador 500, Dimitri Ganzelevitch, Ativista, integrante do movimento "Aqui podia morar gente", Rafael Pugas e Danilo Barreto, pela Frente Única pela Mobilidade Urbana, Nivaldo Andrade, professor Faculdade de Arquitetura UFBA e do vereador Gilmar Santiago (PT-BA); *Democracia brasileira: utopia ou realidade?* com Waldir Pires, ex-governador da Bahia, vereador pelo PT Bahia, Milton Pinheiro, professor da UNEB, Biaggio Talento, jornalista do jornal *A Tarde*, Paulo Fábio Dantas, professor da UFBA; entre outros.

As atividades nas *Polêmicas Contemporâneas* acontecem a partir de exposições, apresentações ou intervenções sobre os temas escolhidos, seguidos de um amplo e aberto debate com os presentes. Importante destacar que as temáticas de cada encontro são definidas nas primeiras aulas, pelo conjunto de alunos, a partir da realidade e contexto vividos naquele espaço/tempo específico do semestre por cada um dos presentes. Busca-se com isso trazer para dentro da Universidade e para a formação dos futuros profissionais as temáticas que tocam de perto a sociedade, constituindo-se, assim, num espaço para a reflexão de experiências e teorias que articulam áreas diversas das educações, das ciências, das culturas e das políticas públicas. Mais uma vez aqui, o plural é pleno, pois queremos justamente trazer a diferença como um elemento fundante da formação dos futuros professores. Conforme já afirmamos, precisamos afastar a ideia de uma escola única, padronizada, concebida de fora para dentro, para ser seguida em processos de reprodução indefinida. Pensamos, portanto, em pedagogias da diferença, conforme já apresentamos em outros textos (PRETTO; SERPA, 2001; SERPA, 2004). Pedagogias que tenham na hipertextualidade, possibilitada pela cibercultura, o fortalecimento de uma rede não linear de diferenças. As transformações necessárias apontam para um ritual de passagem da porta da sala de aula que

represente o fortalecimento do “eu” e a aprendizagem da convivência com as diferenças. Assim, quando essas diferenças existirem e formarem parte viva dos processos, perderá sentido a porta da sala de aula, uma vez que, através das redes e conexões, o diferente estará interagindo com o de dentro e com o de fora, instantânea e constantemente. O que vai importar será exatamente esse movimento de interação e troca. Como já dissemos em outra ocasião:

Interação e troca entre sujeitos. Interação e troca entre produtos culturais. Recombinação. Remixagem. Nova produção e diálogo permanente com o instituído, produzindo-se, a partir daí, novos produtos, novas culturas e novos conhecimentos. Tudo no plural. Com isso, temos a possibilidade de retomar o papel de liderança acadêmica do professor, que, em conjunto com os alunos, no coletivo e individualmente, passam a interagir de forma intensa com esse labirinto de possibilidades. (PRETTO, 2010a, p. 314)

Nesse sentido, o objetivo de Polêmicas Contemporâneas é que os estudantes, futuros profissionais, vivam plenamente um espaço físico tecnologicamente equipado se constituindo em uma verdadeira plataforma de integração e articulação da juventude que está na Universidade com a sociedade em geral. Assim, estando eles nesse espaço singular, uma segunda-feira, em um auditório na UFBA, num bairro da cidade de Salvador, Bahia, Brasil, podem utilizar e interagir intensamente entre os sujeitos ali presentes, entre si e com as tecnologias. Passam a viver, assim, os múltiplos contextos e as múltiplas subjetividades inerentes à espécie humana, configurando-se tanto como lugares específicos quanto como possibilidades de conexões com outros lugares, estes também específicos, promovendo outros entrelugares, fruto dessas relações singulares. Como afirma Luis Felipe P. Serpa, estes entrelugares,

são instáveis, pois decorrem da ressonância do diálogo de dois lugares, que ressaltam na precipitação de acontecimentos produzidos pelo diálogo [dos diferentes, acrescento]; ao terminar a ressonância, o entrelugar se esvai, mas os dois lugares que precipitam os acontecimentos ressonantes agregam conhecimento (SERPA, 2004, p. 166).

Para tal, estruturamos os encontros semanais de tal forma a acontecerem com convidados externos, leitura de textos, filmes e vídeos sobre cada temática e uso intenso das redes sociais e da internet. Duas grandes frentes são abertas de forma simultânea e concomitante: os *grupos temáticos* e os *grupos de trabalho*. Os alunos aderem, por livre e espontânea vontade aos grupos, não necessariamente coincidindo o conjunto de alunos de um e de outro.

Os grupos temáticos são obrigatórios e todos os alunos devem estar em pelo menos um deles. São as equipes responsáveis pela organização - tanto de infraestrutura como de conteúdo - dos encontros semanais. Os grupos estão, portanto, articulados em torno do calendário definido pela turma para o semestre. Cada grupo temático é, em princípio, acompanhado por um integrante do nosso Grupo de Pesquisa. Esses grupos, com uso intensivo das redes, especialmente do ambiente Moodle, debatem ao longo das primeiras semanas as possíveis abordagens do tema escolhido, os possíveis convidados, o local da realização do encontro temático na data prevista, caso seja indicado um local mais específico (por exemplo, num cinema, caso a atividade seja um filme). Além disso, uma ementa para o tema é produzida colaborativamente, com o uso do recurso Wiki do Moodle, e uma pequena biografia dos convidados é escrita coletivamente pelo grupo. Todo o material fica disponível e aberto no Moodle, de forma a possibilitar outras participações que não só a dos integrantes do grupo. Qualquer aluno do semestre pode contribuir com a montagem do tema a ser debatido, incluindo aqueles de semestres anteriores.

A escolha dos temas é uma polêmica à parte e costuma se constituir na primeira grande polêmica do semestre. Isso porque, entre a segunda e terceira aula, realizamos uma tempestade de ideias de temas que poderiam ser tratados no semestre. Normalmente temos disponíveis em torno de 13 semanas de atividades e, nesse momento, no mínimo uns 25 a 30 possíveis assuntos são sugeridos pelo grupo. Numa ação de chegar junto, de considerar as diferenças e valorizá-las, tenta-se agrupar temas próximos, indicar enfoques para os temas, de modo que, após as mais de três horas da sessão, chega-se à primeira versão do tema. Posto e programado para uma das semanas do semestre, usando o Moodle, os alunos escolhem em que grupo temático vão trabalhar e partem para campo, para escrever o título definitivo, ementa, tópicos a serem debatidos, formato e possíveis convidados, já com primeira versão da biografia, contatos telefônicos e e-mails.

A outra frente de atuação dos alunos são os grupos de trabalho e produção, que é opcional. Esses grupos, de voluntários do universo de alunos, partem para a produção e preparação dos encontros e dos materiais para as discussões dos temas. Esses grupos são responsáveis pela infraestrutura necessária para o funcionamento dos debates e pelo registro das atividades, socialização dos resultados, além de promoverem fortes interferências no cotidiano da própria Universidade como um todo. Constitui-se no especial momento de incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano da educação. Inicialmente são previstos os seguintes grupos: *Divulgação* (cartazes, textos, entre outros); *Vídeo*: transmissões da TV Polêmicas, produção de programas em vídeo; *Rádio*: transmissões e programas para a Rádio Faced Web; *Web*: design e manutenção de blogs do curso; *Redes sociais*: alimentação de comunidades no Facebook, Diáspora, Twitter, Identi.ca, Flickr, Instagram entre outros. Em todas as atividades, o uso intensivo de software livre

é mandatório para nosso grupo de pesquisa e, conseqüentemente, é intensamente utilizado em Polêmicas, tanto nas transmissões em áudio como em vídeo. Transmitindo integralmente os debates e promovendo a interação dos participantes, constitui-se um espaço coletivo, democrático e participativo de expressão e comunicação. Esse conjunto de ações, no cotidiano presencial e nas redes sociais, tem promovido o envolvimento de alguns estudantes que, posteriormente passam a atuar sejam como monitores formais da atividade, sejam como voluntários.

A avaliação nesse curso é uma discussão à parte e merece ser detalhada. Acreditamos que a avaliação de uma atividade como essa não pode ser reduzida à contagem de pontos sobre o que foi feito por cada aluno. Foi necessário implantar uma lógica de responsabilidade nos graduandos, futuros professores, no sentido de se comprometerem com os debates. Portanto, não tem muito sentido buscar atribuir a cada aluno uma nota de zero a dez, como preconizam as normas da universidade.

No entanto, as normas existem e, além disso, as médias dos alunos em todos os componentes curriculares gera um indicador semestral denominado score. O score funciona como uma espécie de "moeda" na universidade e é utilizado para permitir ou não o recebimento de uma bolsa de pesquisa, para desempate em processos de seleção e, o mais importante para os alunos, possibilita aos que possuem scores mais altos, acesso privilegiado no processo de matrícula "semestral". Portanto, o score vale ouro! No entanto, em Polêmicas, todos os que participam com a frequência mínima exigida, estariam aprovados em princípio, com nota máxima. Para não ser assim, teríamos que introduzir processos avaliativos intermediários, o que seria inviável em turmas de massa, como é o nosso caso. Portanto, teríamos que ter uma solução para que todos os que participassem pudessem ser aprovados e, ainda, que essa

aprovação não fosse algo que interferisse na “moeda de ouro”, o *escore*. Isso porque, se assim não fosse, todos recebendo dez, por exemplo, haveria possivelmente uma falsa procura pelas *Polêmicas*, basicamente como uma forma de alavancar *escore*. Como nosso objetivo é promover esses amplos debates, afastamos, desde o primeiro dia essa possibilidade e, ao abrir o semestre, já anunciamos que todos já estariam aprovados com o seu próprio *escore*. Ou seja, neutralizamos a avaliação por nota.

Mas, além da frequência, do envolvimento com os grupos, do uso do Moodle, solicitamos como atividade individual, a produção de um texto livre e opinativo, que denominamos de “jornalístico”, de livre escolha sobre as temáticas do curso. Texto esse com um limite equivalente às colunas de opinião dos jornais e que deve ser postado no ambiente Moodle nas datas limites estabelecidas para cada semestre. Portanto, todos aqueles que atuarem nos grupo temáticos, utilizarem os ambientes na plataforma Moodle e postarem o texto na data combinada, ou seja, cumprirem todas as tarefas previstas, teriam a nota final (lembrar que na UFBA é obrigatório dar uma nota de zero a dez para fechar a caderneta no sistema acadêmico) que será o seu próprio *escore* acrescido de meio ponto. Caso não tenha feito nada, será o *escore* menos meio ponto, e para os que realizaram os trabalhos apenas parcialmente, a nota final será o próprio *escore*. Não queremos com isso fazer nenhuma defesa teórica mais contundente desse tipo de avaliação, muito menos considerar isso um modelo avaliativo. Apenas defendemos que, em função da natureza da proposta de *Polêmicas*, essa foi a forma que nos pareceu mais adequada para focar na participação e responsabilidade e diminuir a tensão criada por um processo excessivamente escolarizado.

Tentativa de síntese parcial

Temos acompanhado ao longo dos últimos anos os cursos se fechando em si mesmo, os alunos desinteressando-se pelo coletivo e pelos temas mais amplos do mundo contemporâneo e, com isso, tendo uma formação profissional extremamente focada numa dimensão técnica. No particular dos alunos das licenciaturas, fica evidente que essa ausência de uma formação mais geral dificulta o enfrentamento cotidiano dos desafios da escola, entre outras razões, pela falta concreta de condições de trabalho, pelas questões salariais e, de certa forma, um imobilismo dos graduandos em compreenderem e desenharem ações de luta política visando uma profunda transformação dos seus cursos de formação. Isso tem nos levado a pensar, cada vez mais, na ideia de formação de professores com um jeito hacker *de ser* (PRETTO, 2010b).

Boaventura de Sousa Santos, em seu livro *Pela mão de Alice - o social e o político na pós-modernidade* (1997, p. 225-226), entre as suas 11 teses para uma universidade de ideias, afirma:

A Universidade deve dispor-se estrategicamente para compensar o inevitável declínio de suas funções materiais com o fortalecimento de suas funções simbólicas. Numa sociedade de classes, a universidade deve promover transgressões classistas. Numa sociedade à beira do desastre ecológico, a universidade deve desenvolver uma apurada consciência ecológica. Numa sociedade de festas e prazeres industrializados, a universidade deve pós-modernizar os saberes festivos da pré-modernidade. O verdadeiro mercado para o saber universitário reside sempre no futuro.

Para ele, assim como para nós, “[n]uma sociedade desencantada, o re-encantamento da universidade pode ser uma das vias de simbolizar o futuro.” (SANTOS, 1997, p. 230).

Não acreditamos que um componente curricular como Polêmicas Contemporâneas tenha o papel de transformar/revolucionar a formação dos professores da Educação Básica na Bahia ou em qualquer outro lugar. Não temos a expectativa de que Polêmicas Contemporâneas possa modificar o funcionamento engessado das nossas universidades, assoladas por um produtivismo generalizado. (SGUISSARDI; SILVA Jr, 2009), mas, como nos pautamos pela busca de profundas transformações para o planeta e por considerarmos a educação e a universidade como uma instituição com importante papel – não o único, evidentemente –, acreditamos que, promovendo algumas polêmicas no cotidiano da formação dos futuros profissionais, professores incluídos, podemos ali plantar um pequeno gérmen, uma semente de insatisfação com o instituído. Quem sabe, assim, promovermos micro-revoluções ou uma *micro-utopia*, como diz Boaventura de Sousa Santos. Afinal, ele conclui, “[s]em ela, a curto prazo, a universidade só terá curto prazo.” E nós queremos pensar, no mínimo, a médio prazo!

Referências

BICUDO, M. A. V.; JÚNIOR, C. A. Da S. (Org.). **Formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. v. 2.

CANDAU (Org), V. M. **Novos rumos da licenciatura**. [S.l.]: INEP, 1987.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. v. 24.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre Educação: Diálogos - v. 2**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1984. v. 2.

GADOTTI, M. **A profissão docente e suas ameaças no contexto das políticas neoliberais na América Latina.** São Paulo, SP: Instituto Paulo Freire 2005.

GATTI, B. A. (Org.). **O trabalho Docente – Avaliação, valorização, controvérsias.** [S.L.]: Ed Autores Associados – Fundação Carlos Chagas, 2013.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. (Coord.). **Professores do Brasil:** impasses e desafios. Brasília, DF: UNESCO, 2009.

INEP. **Formação do educador: a busca da identidade do curso de pedagogia/INEP.** Brasília, DF: INEP, 1987. v. 2.

MENEZES (org), L. C. De. **Formação continuada de professores de ciências no âmbito líbero-americano.** [S.L.]: OEI Autores Associados NUPES, 1996.

NÓVOA, A. (Org.). **Evidentemente: histórias da educação.** 2a. ed. Porto/Portugal: Asa Editores, 2005.

PRETTO, N. D. L. Professores universitários em rede: um jeito hacker de ser. *lrx*. DALBEN, A. I. L. de F. (Org.). **Convergência e tensões no campo da formação e do trabalho docente.** Belo Horizonte: Editoria Autêntica, 2010b, p. 179–294.

PRETTO, N. D. L. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia.** 8ª revista e atualizada ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

PRETTO, N. Redes colaborativas, ética hacker e educação. **Educação em Revista**, 2010a. v. 26, p. 305–316.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p32>

PRETTO, N.L.P. e SERPA, L.F.P. **A educação e a sociedade da informação**. [S.l.: s.n., s.d.].

SANTOS, B. De S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 143–155, 2009.

SERPA, L. F. P. **Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa**. Salvador: EDUFBA, 2004.

SGUISSARDI, W.; SILVA JUNIOR, J. Dos R. **Trabalho Intensificado nas Federais-Pós Graduação e Produtivismo Acadêmico**. [S.l.]: Xama, 2009.

SIRI, S. **Hactivismo: la red y su alcance para revolucionar el poder**. Buenos Aires, Argentina: Sudamericana, 2015.

TEMER, A. C. R. P.; SANTANA, M. J. S. Educação e Comunicação em Paulo Freire: reflexões sobre jornalismo de serviço à luz do pensamento freiriano. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN**, Dourados, v. 3, n. 8, p. 4–15, dez. 2014.